

Ver e não ver: o paradoxo do conhecimento

Nome: Halina Rauber Baio

“- Alguém apagou as luzes?

- Na verdade, é como se tivessem acendido todas ao mesmo tempo.“

(diálogo entre primeiro infectado, visto no filme, pela “doença branca” e o oftalmologista.)

No filme “Ensaio sobre a Cegueira” vale observar que uma das principais características da pandemia é que, ao contrário da cegueira comum, a “doença branca”, como é chamada, faz com que a visão se inunde de branco, como é metaforicamente explicitado no trecho do roteiro transcrito acima que faz parte do filme.

Uma analogia que pode ser feita às “luzes” mencionadas no diálogo, é a que as relaciona com o conhecimento. Se dissermos, por exemplo, que pessoas ignorantes ou de certa forma alienadas perante o mundo são aquelas que vivem na escuridão, sem o saber e sem os sentidos treinados para perceber o que acontece ao redor; no lado oposto, encontraremos com aqueles considerados eruditos e intelectuais, os “iluminados” pelo saber. Mas, se for levada adiante a analogia acima proposta, se concluirá que o excesso de luz pode cegar. (Faz-se necessário deixar claro que nenhum tipo de apologia à ignorância, considerando-a como caminho para a felicidade ou forma de se chegar à iluminação – com o perdão do trocadilho -, está sendo feita aqui.)

Definidos tais pontos, pode-se agora elencar alguns aspectos do filme que se encontram em tal analogia e que encerram em si possibilidades de visões das mais variadas.

Comumente, considera-se a pandemia de cegueira retratada na história do filme como uma espécie de alarme para que o ser humano note o quanto passa anestesiado pelo que existe à sua volta. Tal ponto de vista, se baseia no pressuposto de que o homem, ainda que com o sentido da visão, não enxerga o que está em torno dele como realmente é. Isto se dá por conta de algo como uma distração intrínseca, como se se estivesse ligado no “piloto automático”,

ignorante em relação aos outros e ao espaço. Ou seja, uma ignorância por costume, por automatização do olhar. Para a solução de tal “cegueira funcional” possivelmente seria atribuído um aprimoramento mental, uma iluminação dos pensamentos humanos para que todos caíssem em si diante do que lhes envolve. No entanto, não seria o excesso de “iluminação mental” que atribularia o cérebro de maneira a impedi-lo de recapturar o cerne da sensorialidade da visão?

Ao mesmo tempo em que se critica a “insipiência por erudição”, se faz presente a necessidade de criticar a busca por uma essência através da ignorância. Em outras palavras, tentar voltar à “natureza” do ser humano através de práticas que supostamente o conectariam novamente com o seu ser inicial – uma espécie de ser “pré-sociedade” - que não existe ou que é demasiadamente incomensurável para ser explicitado de alguma forma. Se a crença na natureza primordial do ser humano como sendo a chave para a visão plena permanece de alguma forma, ela se perde quando colocada diante das relações sociais estabelecidas entre os humanos que, através de tal crença, não podem ser vistas.

Não se busca aqui, de maneira nenhuma, ditar qual o tipo de olhar que deve ser lançado sobre algo para que este algo seja visto da maneira correta. Busca-se sim, a noção de que deve haver um determinado equilíbrio entre luz e escuridão para que as coisas fiquem visíveis. É necessária uma certa medida de erudição de modo que um certo reconhecimento das imagens e situações da atualidade fiquem perceptíveis, mas também, é preciso que a medida de sensibilidade exista para que a busca (ainda que sem fim) da essência ou do simples sentir o que está ao redor se expresse e nos possibilite dizer “Eu posso ver!”.